

**VELOSO, Jorge das Graças.** Procissão do Fogaréu: um cortejo de farricocos nas comemorações da Semana Santa de Luziânia, no entorno goiano do Distrito Federal. Brasília: Universidade de Brasília; Professor Adjunto. Ator, Encenador e Dramaturgo.

## RESUMO

Trata este trabalho da representação simbólica da prisão de Jesus Cristo no Monte das Oliveiras, realizada como parte das comemorações oficiais da Semana Santa em Luziânia, Goiás. A partir das proposições da Etnocenologia, esta análise se direciona aos aspectos de espetacularidades perceptíveis em mais um dos rituais recriados no movimento de atualização de tradições antigas da região onde se instalou Brasília, em 1960. Muitas dessas tradições estavam desaparecidas, e a partir das décadas finais do século XX, foram novamente introduzidas nas práticas religiosas dos povos do lugar, como foi o caso da Procissão do Fogaréu, aqui descrita.

**Palavras-chave:** Procissão do Fogaréu. Etnocenologia. Tradições religiosas.

## RÉSUMÉ

Ce travail porte sur la représentation symbolique de l'arrestation de Jésus-Christ au mont des Oliviers, qui est effectué dans le cadre des célébrations officielles de la Semaine Sainte à Luziânia, Goiás. À partir des propositions d'Ethnoscénologie, cette analyse est dirigée sur les aspects de la spectacularité la plus perceptible dans un rituel recréé dans le mouvement de mise à jour des anciennes traditions de la région où Brasília a été installée en 1960. Beaucoup des traditions sont disparues et, à partir de la dernière décennie du XXe siècle, elles ont été réintroduites dans les pratiques religieuses des habitants de l'endroit, comme c'est le cas de la procession du *Fogaréu*, décrite ici.

**Mots clés:** Procession du *Fogaréu*. Ethnoscénologie. Traditions Religieuses.

Em seus estudos sobre a contemporaneidade, Michel Maffesoli apresenta, de forma bastante recorrente, a ideia de que estamos num tempo em que o homem, abandonando o sentimento progressista da modernidade, vem, paulatinamente, assumindo uma perspectiva presenteísta, hedonista, trágica, de viver o mundo: [...] “é a revivescência de uma erótica social, de uma orgiástica difusa” (MAFFESOLI, 2004, p. 17). Para o pensador francês, ao assumir o que ele define como sendo uma sinergia do arcaico com os avanços tecnológicos, esta maneira de perceber a vida se dá pelo sentido de que, se não dominamos nosso futuro e o passado não mais nos contempla, à semelhança da sociedade grega clássica nos dedicamos a vivenciar o presente, plenamente.

Por essa sinergia, se estamos vivenciando o império do presente, com as práticas festivas do uso indiscriminado de vários tipos de drogas, das festas arrebatadoras e dos megaeventos, dos amores nômades e do sexo casual, também vivemos uma época de recrudescimento da valorização do sagrado e

dos rituais, principalmente se os percebemos por uma cada vez maior perspectiva de espetacularização.

E é, mais uma vez, para o campo desses ritos espetaculares, conforme reflexões a partir do espectro teórico da Etnocologia, que direciono meus sentidos. E começo estes escritos me dedicando a uma questão adjacente às propostas de Maffesoli: se estamos nesses tempos hedonistas do presente, por que nos dedicamos tanto aos sentimentos nascidos no ontem, construídos no recrudescimento tão acentuado dos ritos tradicionais?

Muito se tem falado que o significado do ritual, na chamada pós-modernidade, seria o da manutenção de certo sentimento de pertencimento ao grupo. Não mais com o princípio modernista de defesa da identidade, de fazer parte de uma única tribo, porém muito mais voltado para uma noção de plenitude enquanto presença.

Por esta percepção, enquanto em outros tempos o ritual tinha uma característica de fazer com que cada sujeito dissesse para si mesmo que “eu sou assim”, hoje o sentimento é outro. É muito mais de “enquanto estou aqui, eu estou assim”. O que não significa o fim de uma função social, mas somente uma transformação. E cada um busca novas participações nesses ritos, sejam eles em tribalizações urbanas, em torno de grupos musicais, ou mesmo em agrupamentos culturais tradicionais, inclusive nos espaços rurais ou de pequenas comunidades.

Às vezes, um mesmo indivíduo participa, simultaneamente, de diversos agrupamentos identificatórios. E com a mesma entrega que ele teria se pertencesse somente a um. É muito próximo do que afirma Stuart Hall:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. [...] À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2001, p. 12-13).

Mesmo guiado por esses novos valores, o que prevalece é uma contínua e incessante necessidade de estar juntos, para se sentir vivo. Pertencer, mesmo que transitoriamente, a um determinado grupo, faz com que se sinta em estado religioso, em seu significado lato, de ligado a uma comunidade, ao outro, àquilo que dá sentido à vida: o exercício pleno da alteridade.

E é a partir dessas ideias, em muitos sentidos paradoxais, que descrevo mais um dos ritos espetaculares que persistem no entorno goiano do Distrito Federal: a Procissão do Fogaréu, que é praticada em Luziânia, a 60 quilômetros de Brasília, desde 2003 (Figura 1)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> As fotografias aqui utilizadas são todas de autoria de Tiago Veloso Machado, durante a Procissão do Fogaréu de 2011.



Figura 1. Procissão do Fogaréu de Luziânia.

Ressurgida no bojo do movimento de retraditionalização que tomou força no Brasil nas duas últimas décadas do século passado, a Procissão do Fogaréu, que hoje é praticada no chamado município mãe de Brasília, é um dos diversos rituais católicos que voltaram a fazer parte do calendário religioso daquela cidade. Como foi o caso das cavalhadas, durante os festejos do Divino Espírito Santo, e da encenação da Paixão de Cristo, também na Semana Santa.

A Procissão do Fogaréu, assim, poderia ser classificada como uma tradição reinventada. Estava desaparecida já havia várias décadas. Em 2003, por iniciativa de um recém-chegado sacerdote, o Padre Josinaldo, e alguns jovens fiéis, liderados pelo paroquiano Neuri, o ritual foi retomado para fazer parte do calendário oficial da Semana Santa da Igreja Matriz, dedicada a Santa Luzia, padroeira da cidade.

Se pensarmos as práticas humanas a partir das categorias de rituais cotidianos, ritos espetaculares e artes do espetáculo, conforme definições da etnocenologia, as procissões do fogaréu poderiam ser vistas como componentes do segundo grupo. Poderíamos então refletir sobre esse conjunto nos remetendo ao que diz Armindo Bião:

[...] **ritos espetaculares** englobando: de um lado, rituais religiosos, festas, cerimônias periódicas, cíclicas e sazonais, nos quais os participantes tendem a se confundir entre si, e, de outro lado, eventos políticos e competições esportivas, nos quais a distinção entre participantes e espectadores parece mais evidente. Nessas últimas, os espectadores participam como torcedores, compondo ativamente e evidentemente o espetáculo, como ocorre também naturalmente em muitos eventos políticos, religiosos, cerimônias e festas (BIÃO, 2009, p. 94).

Essas definições poderiam ser vistas como advindas de outras duas, que Bião classifica como metafóricas, ou seja, pela compreensão das noções de teatralidade e de espetacularidade:

Teatralidade [...] De fato, toda interação humana ocorre porque seus participantes organizam suas ações e se situam no espaço em função do olhar do outro. Assim, penso em todas as interações, as mais banais e cotidianas, nas quais, podemos compreender,

todas as pessoas envolvidas agem, simultaneamente, como atores e espectadores da interação (aqui utilizo esses vocábulos do mundo do teatro certamente — e apenas — como metáfora). A consciência reflexiva de que cada um aí presente age e reage em função do outro pode existir de modo claro ou difuso ou obscuro, mas nunca de modo explicitamente compactuado — ou convencionalmente explicitado o tempo todo. [...] amplamente praticado pela maioria absoluta dos indivíduos de cada sociedade, de um modo inerente a cada cultura, que codifica suas interações ordinárias e transmite seus códigos para se manter viva e coesa. Espetacularidade [...] como qualidade ou procedimento de espetáculo [...] que compreendo como uma categoria também reconhecível em algumas das interações humanas. [...] Aí, e então, de modo — em geral — menos banal e cotidiano, que no caso da teatralidade, podemos perceber uma distinção entre (mais uma vez, de modo metafórico) atores e espectadores. Aqui e agora, a consciência reflexiva sobre essa distinção é maior e — geralmente — mais visível e clara. [...] Assim como a teatralidade, a “espetacularidade” contribui para a coesão e a manutenção viva da cultura (BIÃO, 2009a, pp. 34-36).

A edição da procissão do fogaréu de 2011, aqui comentada, foi realizada, como vem ocorrendo já há quatro anos, sob a coordenação de Miguel Antônio Veloso, que inicia com antecedência de alguns meses os trabalhos de arregimentação e ensaios dos Farricocos, como são chamados os participantes encapuzados (Figuras 2 e 3).



Figura 2. Farricocos



Figura 3. Farricocos

O evento se dá na Quarta-Feira Santa, a partir da concentração que se inicia por volta das 19 horas na casa paroquial da Igreja Matriz. Como em quase todas as reuniões em que o sentido religioso de estar juntos, em eclesia, se apresenta como mais destacado que aquele outro, *stricto*, *sagrado*, de *religere* ao Ser Original, não se abre mão do compartilhar o pão. Assim, o ajuntamento inicial se dá em volta da mesa, dividindo a comida — sucos, frutas, pães e queijos —, comprados com recursos arrecadados em contribuições do próprio grupo. Em seguida, logo após a ceia, são feitas as orações tradicionais do Pai-Nosso seguido da Ave Maria, o que precede à caracterização de todos os componentes. Depois, guiados por jovens identificados como coordenadores ou organizadores, os farricocos se organizam na procissão, na frente da igreja (Figura 4).



Figura 4. Formação inicial dos Farricocos diante da Igreja.

O que se vê a seguir é a busca de Jesus Cristo pelas ruas, numa reprodução do que teriam sido os caminhos seguidos pelos soldados romanos até o monte onde finalmente o Filho de Deus teria sido preso, após o beijo de Judas. E essa busca se dá representando, também de maneira espetacular, uma parada em um lugar determinado da cidade. A mais marcante presenciada em 2011 foi a que aconteceu na Capela do Divino Espírito Santo, ao lado do Centro Comunitário, quando também foi proferido, por um dos padres da paróquia, um sermão sobre o significado da procura por Jesus Cristo.

Conforme explicação do coordenador Miguel Antônio, esta parada é a representação da passagem dos soldados romanos pela casa do seguidor de Cristo onde teria se dado a última ceia. Em frente à capela alguém pergunta “onde está Jesus?” A resposta, “Jesus não está aqui”, vem de dentro, para onde foram todos os farricocos, segundo informações dos próprios encapuzados, para “descansar um pouquinho” antes de continuar a busca.

Seguindo a passos largos por ruas e avenidas cheias de observadores (Figura 5), o cortejo faz a próxima e última parada diante da casa do artesão de Luziânia, onde se dá a prisão simbólica de Cristo<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Tradicionalmente a prisão é representada na frente da Igreja do Rosário, usando as janelas de suas torres para a aparição da imagem de Jesus. Em 2011, entretanto, em função de a Igreja estar passando por uma restauração, esse momento se deu na Casa do Artesão de Luziânia, ao lado.



Figura 5. Cortejo pelas ruas da cidade.

A “prisão” de Jesus Cristo se dá quando o cortejo para em frente à casa e, depois de um tempo, ouve-se o som de uma corneta, em toques fúnebres, anunciando que o procurado, que aparece num estandarte numa das janelas, foi, finalmente, localizado. Após o som da corneta, numa representação tensa, o estandarte com a imagem do Cristo acorrentado é levada para as ruas por um farricoco vestido de branco — o único com esta cor (Figura 6).



Figura 6. Cristo é preso no Monte das Oliveiras.

A procissão segue então por becos e ruas em direção à igreja de onde partira (Figura 7). Chegando ao pátio em frente à Matriz, em formação circular, o



Cristo preso é guardado por alguns minutos, após o que é levado para o altar principal. Lá chegando, todas as imagens do templo, escondidas desde o início da quaresma com panos roxos, são descobertas e se reiniciam as orações celebradas por um dos padres da paróquia.



Figura 7. Jesus Cristo preso segue pelas ruas da cidade.

Neste momento as tochas, que iluminaram as ruas da cidade por quase uma hora, são apagadas e se encerra oficialmente mais uma Procissão do Fogaréu de Luziânia, município que cedeu a quase totalidade das terras onde se instalou a grande encruzilhada cultural chamada Brasília, talvez a melhor tradução da sinergia entre o arcaico e o novo desta terra Brasilis.

Segundo o coordenador Miguel Antônio, desde 2009 existe um movimento no grupo em defesa da introdução, na procissão, de bonecos gigantes, nos moldes dos utilizados no carnaval de Olinda, em Pernambuco. O que caracteriza, em verdade, uma pequena cisão entre os participantes do evento, pois os que são contrários a esta inovação a veem como uma descaracterização do próprio fato religioso. Os favoráveis, entretanto, argumentam que, como ocorre atualmente, esta seria somente mais uma imitação das várias procissões de fogaréu existentes pelo Brasil afora. Com o

“espetáculo dos bonecos, teríamos algo de diferente para mostrar. Seríamos notados pelo Brasil inteiro”, nas palavras de Miguel.

Assim pensando, o que vemos é um movimento que traduz o melhor sentido de transculturação. É ela que faz permanentes aquelas manifestações tradicionais em que seus participantes reconhecem a força do novo em mistura com suas práticas mais antigas. E que, para sobreviver, mesmo que em sinergias sagrado/profanas, fazem uma opção pela sobrevivência no reconhecimento do valor do exercício daquilo que dá significado real à existência: o respeito à diferença e a prática da convivência com o outro, em tudo que isto possa representar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIÃO, Armindo J. C. Aspectos epistemológicos e metodológicos da etnocenologia: por uma cenologia geral. In: **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Prefácio Michel Maffesoli. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009. 389 p.

\_\_\_\_\_. Um léxico para a etnocenologia: proposta preliminar. In: **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Prefácio Michel Maffesoli. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009a. 389 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.